

COMUNHÕES EMOCIONAIS E AQUILOMBAMENTO: o cotidiano midiaticizado de bichas pretas¹

EMOTIONAL COMMUNIONS AND “AQUILOMBAMENTO”: the mediated everyday life of black faggots

Diego Cotta²

Resumo: Este artigo apresenta parte dos resultados de uma pesquisa de doutorado sobre as experiências narradas do cotidiano de bichas pretas, atravessadas pelas interseções entre LGBTIfobia e racismo. A partir da análise de canais do YouTube e entrevistas semiestruturadas (GIL, 2008), investigamos como jovens gays negros afeminados utilizam narrativas midiáticas como táticas de sobrevivência diante da subalternização. Essas plataformas emergem como espaços testemunhais de vocalização das opressões, reivindicando imagens e vozes que resistam ao apagamento de subjetividades negras e gays. Sob a perspectiva do circuito dos afetos e afetações, compreendemos o YouTube como território catártico e de subjetivação, criando espaços coletivos de cura (hooks, 2010). Propomos, com base no conceito de quilombo (NASCIMENTO, 1980), um “quilombismo midiático interseccional”, pautado por comunhões emocionais (MAFFESOLI, 2014).

Palavras-Chave: Bicha Preta. Mídia. Cotidiano.

Abstract: This article presents part of the results of a doctoral research on narrated everyday experiences of bichas pretas (Black queer/femme men), marked by intersections of LGBTphobia and racism. Through content analysis of YouTube channels and semi-structured interviews (GIL, 2008), we investigate how young Black effeminate gay men use media narratives as survival tactics against their subalternization. These platforms emerge as testimonial spaces to vocalize oppression, claiming new images and voices that resist the erasure of Black and gay subjectivities. From the perspective of the circuit of affects and affections, we understand YouTube as a cathartic territory of subjectivation, creating collective healing spaces (hooks, 2010). Thus, drawing from the concept of quilombo (NASCIMENTO, 1980), we propose an “intersectional media quilombism,” grounded in emotional communions (MAFFESOLI, 2014).

Keywords: Black Faggot. Media. Everyday Life.

¹ Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho Comunicação, Raça e Interseccionalidades. 34º Encontro Anual da Compós, Universidade Federal do Paraná (UFPR). Curitiba - PR. 10 a 13 de junho de 2025.

² Pós-doutorando em Comunicação no PPGCOM-UERJ com bolsa Nota 10 da FAPERJ. Doutor em Mídia e Cotidiano pelo PPGMC-UFF e jornalista pela ECO-UFRJ. Email: diegocotta@gmail.com

1. Introdução

“O Brasil é o país mais negro fora da África”, disse a ministra da Igualdade Racial, Anielle Franco por ocasião da Conferência Regional da Diáspora Africana³, em 2024. Ele é o sétimo maior país do mundo em população⁴, segundo a ONU, e ocupa o décimo lugar das maiores economias do planeta⁵, de acordo com o relatório “Perspectiva Econômica Mundial” (WEO, na sigla em inglês) do Fundo Monetário Internacional (FMI). No entanto, se observarmos a programação da TV, notícias, revistas, governo, bairros mais ricos, universidades e empresas, perceberemos que o Brasil é majoritariamente branco. Possui dimensões continentais e divide com o Congo a 14ª colocação da lista dos países mais desiguais da Terra⁶. No primeiro ano da pandemia de Covid-19, 55,2% dos domicílios brasileiros, ou o equivalente a 116,8 milhões de pessoas, viviam com alguma insegurança alimentar. 9% deles, ou 19 milhões de pessoas, passaram fome, que recai desproporcionalmente sobre domicílios chefiados por mulheres, negros ou situados no Norte e Nordeste⁷. No mesmo período, dez brasileiros ficaram bilionários, segundo o relatório “A Desigualdade Mata”, da Oxfam⁸.

O racismo estrutura a desigualdade no Brasil. Sueli Carneiro (2019, p. 148) nos ensina que a perversidade do racismo brasileiro reside na "negação patológica da dimensão racial das desigualdades sociais". A colonização do Brasil, iniciada em 1500, baseou-se na escravização de africanos sequestrados e no genocídio da população indígena. O país ficou mais tempo sob o regime escravocrata do que sem ele. Passamos pouco mais de um século desde a abolição da escravatura, que durou mais de 300 anos e terminou sem políticas de

³ Disponível em:

https://www.gov.br/igualdaderacial/pt-br/assuntos/copy2_of_noticias/brasil-sediara-6a-conferencia-regional-da-diaspora-africana-de-29-a-31-de-agosto-deste-ano-em-salvador Acesso em: 17 fev. 2025.

⁴ Acesse a lista dos países mais populosos, segundo a ONU em:

<https://g1.globo.com/mundo/noticia/2023/04/29/india-ultrapassa-china-e-agora-e-a-maior-nacao-saiba-quais-sao-os-dez-paises-mais-populosos-do-mundo.ghtml> Acesso em: 17 fev. 2025.

⁵ Disponível em:

<https://istoedinheiro.com.br/quais-sao-as-10-maiores-economias-do-mundo-veja-projecao-do-fmi-para-2024/> Acesso em: 17 fev. 2025.

⁶ Saiba mais em:

<https://exame.com/mundo/quais-sao-os-paises-com-maior-desigualdade-social-do-mundo-veja-a-posicao-do-brasil-no-ranking/> Acesso em: 17 fev. 2025.

⁷ O Inquérito Nacional sobre Insegurança Alimentar no Contexto da Pandemia da Covid-19 no Brasil foi realizado pela Rede Brasileira de Pesquisa em Soberania e Segurança Alimentar (Rede PENSSAN). Disponível em: <https://olheparaafome.com.br/> Acesso em: 17 fev. 2025.

⁸ Disponível em:

<https://www.oxfam.org.br/noticias/um-novo-bilionario-surgiu-a-cada-26-horas-durante-a-pandemia-enquanto-a-desigualdade-contribuiu-para-a-morte-de-uma-pessoa-a-cada-quatro-segundos/> Acesso em: 17 fev. 2025.

integração dos ex-escravos à sociedade. Pelo contrário, a desumanização do povo negro foi perpetuada através dos sistemas jurídico e médico, da cultura e da mídia, como expuseram Kabengele Munanga (1986) e Abdias Nascimento (2016). Todos os sistemas de poder continuam a oprimir e a criminalizar vidas negras. “Todo camburão tem um pouco de navio negro”, como canta “O Rappa”.

Ainda assim, lidamos com a ideia de que o racismo não existe, o que lhe confere certa sofisticação brasileira na sua reiteração e perpetuação. Reproduzido em diversas esferas sociais e políticas, ancorado na crença de que todos são iguais e têm acesso às mesmas oportunidades, dependendo apenas de mérito e trabalho árduo, esse pensamento também se baseia na ideia de que o Brasil é um país pacífico, aberto às diferenças e bem-vindo a todos os povos – mesmo durante a colonização. A forte miscigenação racial que caracteriza o país comprovaria essa “convivência harmoniosa”. Uma narrativa replicada até hoje, utilizada para argumentar contra políticas e ações afirmativas. E mesmo entre as pessoas que reconhecem que existe racismo no país, poucos se reconhecem racistas, dificultando o debate mais amplo, honesto e transformador dessa chaga social.

Além disso, ele convive com o genocídio de sua população preta e parda: 76,5% das vítimas de homicídio são negras; e a cada 12 minutos, uma pessoa negra é assassinada, segundo o Atlas da Violência (CERQUEIRA; BUENO, 2024). Também temos os piores índices de violência contra mulheres e pessoas LGBTI+: o quinto país no ranking global de feminicídios⁹, segundo o Alto Comissariado das Nações Unidas para os Direitos Humanos (ACNUDH); e o recordista mundial em assassinatos de travestis e transexuais pelo 16º ano consecutivo, com o perfil das vítimas sendo majoritariamente de jovens trans negras, empobrecidas, nordestinas e assassinadas em espaços públicos com requintes de crueldade (BENEVIDES, 2025).

As representações dominantes do negro pobre, selvagem e de LGBTI+ promíscuos, anormais replicam narrativas de racismo e lgbtifobia que moldam imaginários sociais e materializam práticas cotidianas de violências e mortes. Discursos de ódio que são verdadeiros atos de fala que invocam convenções, cujo objetivo “é designar e estabelecer um sujeito na sujeição, produzir seus contornos sociais no tempo e no espaço. Sua operação

⁹ Disponível em:

<https://brasil.un.org/pt-br/72703-onu-taxa-de-feminic%C3%ADdios-no-brasil-%C3%A9-quinta-maior-do-mundo-diretrizes-nacionais-buscam> Acesso em: 17 fev. 2025.

reiterativa tem o efeito de sedimentar seu ‘posicionamento’ ao longo do tempo” (BUTLER, 2021, p. 63). Daí seu caráter fixador e estruturante.

Racismo, patriarcado, lgbtifobia, classismo, capacitismo etc. se entrecruzam para limitar a vida de milhões de pessoas. Kimberlé Crenshaw (2002, p. 177) os enxerga como eixos de poder, que pavimentam as avenidas que estruturam os terrenos sociais, econômicos e políticos; e é a partir delas que as interações do desempoderamento acontecem. Às vezes, representam eixos de poder diferentes e concomitantemente excludentes; “o racismo, por exemplo, é distinto do patriarcalismo, que por sua vez é diferente da opressão de classe. Na verdade, tais sistemas, frequentemente, se sobrepõem e se cruzam, criando intersecções complexas nas quais dois, três ou quatro eixos se entrecruzam”. É nesta encruzilhada que este trabalho habita, pois se utiliza das lentes da interseccionalidade para melhor compreender os cotidianos narrados por jovens gays negros afeminados na mídia.

A abjeção vivenciada pelas bichas pretas, como preferem ser denominadas, frequentemente resultam em baixa autoestima, levando a altos índices de depressão e suicídio, que entre jovens negros é 45% maior do que entre jovens brancos. Ao olhar especificamente para os jovens de gênero masculino, a taxa sobe para 50%, como informa o Observatório de Saúde de Populações em Vulnerabilidade do Ministério da Saúde (BRASIL, 2018). Sem falar da subnotificação, como bem registrou Paulo Navasconi (2019), que lançou luz sobre a invisibilidade dos marcadores sociais da diferença em pesquisas científicas que tratam sobre suicídio, evidenciando, a partir de revisão de literatura especializada, a inexpressividade de dados sistematizados relacionados à cor, etnia, sexualidade, orientação sexual e identidade de gênero. Para ele, “a construção dos saberes, bem como a produção do conhecimento, é racializada e generificada” (p. 137).

Diante desse cenário, o presente artigo objetiva apresentar parte dos resultados e discussões de uma pesquisa de doutorado¹⁰ sobre as experiências narradas do cotidiano de bichas pretas, sob a ótica das intersecções entre lgbtifobia e racismo que marcam esses corpos abjetos (COTTA, 2023). A partir de revisão bibliográfica, análise de conteúdo de doze canais do YouTube e de entrevistas semiestruturadas (GIL, 2008), a tese debateu como jovens gays negros afeminados mobilizam narrativas midiáticas como táticas de sobrevivência diante da

¹⁰ “'ALÉM DE PRETO, VIADO': linguagens e produções de sentidos protagonizadas por bichas pretas no cotidiano midiático” conquistou o terceiro lugar no Prêmio Intercom de Comunicação 2024 na categoria Doutorado e foi finalista do Prêmio Compós de Teses e Dissertações Eduardo Peñuela 2024.

subalternização de suas existências. Ou seja, o trabalho se debruçou sobre a construção de linguagens e produções de sentidos protagonizadas por bichas pretas na ambiência midiática. Como um dos achados, destacamos o YouTube como espaço de vocalização das opressões, servindo como ferramenta para reivindicar novas imagens, construir repertórios e vozes que resistam ao apagamento e aniquilamento de subjetividades negras e gays.

Com os exemplos tratados na tese, capturados a partir da observação de uma efervescência na cena afro-gay-digital no Brasil contemporâneo, especialmente nas duas primeiras décadas dos anos 2000, a tese explicitou narrativas e imagens que corporificam modos de operações de resistência, compreendendo a (re)construção identitária e a produção de subjetividades de bichas pretas a partir da mídia, especialmente pelos usos que tais sujeitos assujeitados fazem de plataformas de *streaming* e redes sociais digitais. Linguagens que aparentam produzir outras sociabilidades, a partir de brechas de sobrevivência e de possíveis espaços de cura (hooks, 2010).

Seguindo este raciocínio introdutório da investigação, faz-se necessário registrar a importância da compreensão dos circuitos dos afetos e da política de afetações (REZENDE RIBEIRO, 2020; SAFATLE, 2015), que podem ser entendidos como forças motrizes da proliferação desses conteúdos aqui estudados, haja vista que “a forma de vida instituída pela mídia é um outro meio vital, também fonte específica de razoabilidade e afeto” (SODRÉ, 2006, p. 43). A identificação da similaridade dos discursos propagados pelas bichas pretas em vídeos no YouTube, filmes, documentários e séries da Netflix e LGBTflix, por exemplo, dá pistas de uma tecitura de elos e vínculos, fazendo dessas narrativas combustíveis para um sentimento de pertença e para um devir-bicha-preta, isto é, uma perene e aparente construção identitária midiaticizada e de possibilidades de vida.

Tal compreensão foi construída a partir da análise de conteúdo exploratória dos canais dos seguintes *youtubers*: Claudio Lima, Jean Fontes, Cleyton Santana, Spartakus Santiago, Biel Braga, Sam Santos, Samuel Gomes, Marco Antônio Fera, Valtinho Rege, Jota C. Santos, Joely Nunes e Murilo Araújo. Desses, os donos dos canais “Pretinho Mais que Básico” e “Muro Pequeno”, Marco Antônio Fera e Murilo Araújo, respectivamente, concederam entrevistas. Abaixo, segue o questionário que serviu de roteiro prévio:

a) Nas suas obras audiovisuais no YouTube, percebo uma partilha de experiências vivenciadas. Em qual momento e por que você achou importante difundi-las?

b) A partir das discussões de interseccionalidade entre raça, classe e sexualidade/gênero, de que maneira seus conteúdos se diferenciam dos demais?

c) Contar as próprias histórias, fazer uso de sua própria imagem e reconstruir repertórios sobre bichas pretas no YouTube tem um caráter político? Como você vê esse processo?

d) Você acredita que os processos de humanização do corpo negro, bicha e periférico estão se dando a partir de plataformas de *streaming*, como YouTube? Você acredita que vivenciamos uma mudança de imaginário social?

e) Como você enxerga a amplitude e, por conseguinte, os impactos dos conteúdos produzidos no YouTube para bichas pretas e para a população em geral?

f) Você enxerga o YouTube como um possível espaço de cura para bichas pretas?

g) Você vê suas intenções com os vídeos produzidos serem atravessadas e/ou limitadas pela lógica comercial de plataformas como o YouTube? Como você lida com isso?

h) A partir do debate de como se dá o processo de difusão de vídeos no YouTube, atrelado a uma lógica lucrativa empresarial, você vê necessidade de aplicar alguma tática de produção que fuja dessa engrenagem comercial? Se sim, qual e como?

Devido ao espaço e para fins de recorte, destacaremos trechos das entrevistas que circunscrevem o tema do aquilombamento, a fim de pavimentar a noção de um “quilombismo midiático interseccional”, pautada a partir dos escritos sobre quilombo de Abdias Nascimento (1980) e Beatriz Nascimento (1985), dentro de um contexto da midiatização da cultura e da sociedade (SODRÉ, 2002; HJARVARD, 2014).

2. Reconhecer-se no outro: catarse, empatia e comunhão

“A gente mudando comportamentos, expondo essa realidade, faremos com que o mundo seja mais confortável e menos opressor para os próximos gays negros que virão. Por isso, valorize a bicha preta, valorize a gay afeminada, ame-as”! O apelo é de Spartakus Santiago, *youtuber* e publicitário de 30 anos do interior da Bahia, região Nordeste do Brasil. Ele nasceu na cidade de Itabuna, e seu nome foi inspirado no filme Spartacus (1960), de Stanley Kubrick. Foi criado pela avó, Dona Lourdes. Na infância e juventude, teve um relacionamento difícil com o pai, que não lidava bem com sua homossexualidade. No final da adolescência, mudou-se para o Rio de Janeiro para estudar publicidade e propaganda na Universidade Federal Fluminense (UFF). Ele ficou famoso depois de publicar um vídeo no

YouTube sobre apropriação cultural por empresas brasileiras, que somado aos demais audiovisuais produzidos alcançou mais de onze milhões de visualizações.

No vídeo “A solidão do gay negro: desabafo e mensagem pras bichas pretas”¹¹, de onde o trecho supracitado foi destacado, Spartakus sugere que a alternativa à opressão interseccionalizada entre racismo e lgbtifobia se dará a partir do tribalismo que vem sendo construído *por meio da e na* ambiência midiaticizada das redes sociais digitais. A produção de subjetividades midiáticas esboça um contorno de grupo delimitado, “por enfatizar o sentimento de pertença; elemento essencial de toda estrutura tribal. Sentimento reconfortante, para além do subjetivismo moderno, o que se pode chamar de psique coletiva” (MAFFESOLI, 2014, p. 163 - 164).

Spartakus e as outras bichas pretas *youtubers*, que veremos adiante, estão criando elos a partir de seus cotidianos distópicos, os quais possuem a potência de um ideal comunitário, de grupo, porque “é na tribo, lugar das verdadeiras afinidades eletivas, que se opera a verdadeira realização de si” (MAFFESOLI, 2014, p. 189). Realização que é “a constante abertura sobre a alteridade, causa e efeito da interpenetração das consciências em que o emocional ocupa um lugar de destaque” (*op. cit.*; p. 189).

A interpenetração das consciências, que terá a emoção como epicentro do processo interativo no YouTube, será ratificada por Spartakus Santiago ao se dirigir diretamente à audiência ao final do vídeo. O *digital influencer* emerge como um potente narrador e mediador de um processo de subjetivação, de construção identitária midiaticizada das bichas pretas, haja vista que “uma narração não é apenas uma descrição da realidade, mas também sua construção” (MARTINO, 2015, p. 249). Ao compartilhar narrativas catárticas de seu cotidiano distópico, como os desafios de relacionamentos interracialis, rejeição, baixa autoestima, objetificação e hiperssexualização de seu corpo, o *youtuber* transforma seu canal em um território de expurgação emocional, e se vale dos circuitos dos afetos e das afetações para construção de um espaço de cura interativo, real e midiaticizado, como um alívio às reiteradas tentativas de aniquilamento de subjetividades gays e negras (CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA, 2019).

Além de desenvolver comunhões emocionais entre jovens gays negros afeminados, seu canal no YouTube acaba por se tornar uma ferramenta potente de vocalização de

¹¹ O vídeo conta com mais de 250 mil visualizações e 3.200 comentários. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=-AsqVkC_yuk Acesso em: 17 fev. 2025.

opressões sofridas por esses sujeitos, capaz, ainda, de apresentar outras perspectivas de vida para a elevação da autoestima e diminuição do sofrimento psíquico de muitos de seus pares. É nessa ambiência midiática que bichas pretas, como Spartakus Santiago, criam dobras, promovem debates, provocações e reflexões sobre seus sentires e suas vivências, em uma pulsante construção identitária midiaticizada baseada no testemunho. E ele não está só.

Juntos, os doze canais estudados colecionam mais de dois milhões de inscritos no YouTube com a promessa de produção semanal de conteúdo. Samuel Gomes, do canal “Guardei no Armário”, por exemplo, publicou mais de 300 vídeos, sendo dois deles sobre suas percepções enquanto ex-evangélico que frequentava a Congregação Cristã no Brasil (CCB); os vídeos angariaram cerca de 55 mil visualizações no YouTube¹².

Já o sofrimento e a dificuldade de relacionamento com pessoas brancas são pautas de Cleyton Santanna. Na postagem “Eu te avisei Palmiteiro”¹³, com mais de 16 mil visualizações no YouTube, a bicha preta fala sobre preterimento de negros em festas, rejeição, objetificação e hipersexualização do corpo preto, afirmando que os gostos são construídos socialmente e sugerindo que estão sob a égide de uma cultura racista e lgbtifóbica. Questões que são representadas no clipe da música “Além do Estalo”¹⁴, de Claudio Lima, que além de contar com mais de 16 mil *views* nesta plataforma de *streaming*, traz versos reflexivos como “posso amar, posso dar amor, mesmo com tanta dor” e “sou mais que a carne que como”.

A questão da hipersexualização do corpo negro é bastante sensível para este trabalho, haja vista que este tema aparece reiteradamente nos discursos de bichas pretas, não apenas nos canais de YouTube analisados, foco da tese, mas também em documentários cujo protagonismo é ofertado às experiências de jovens gays negros afeminados. A masculinidade negra, por anos a fio, foi construída a partir da representação do homem negro como símbolo fálico, consequência de um perverso processo de colonização e implementação do regime escravocrata em países pelo mundo, especialmente no Brasil. A animalidade e a selvageria, imputadas nas representações de homens negros, forjam um ideário hipersexualizador de seus corpos e aniquilador de suas mentes, que ainda persiste nas sociedades contemporâneas como

¹² Assistir em: <https://www.youtube.com/watch?v=7UVO9aagl3I> e <https://www.youtube.com/watch?v=ypfhPWWSoCc> Acesso em: 18 fev. 2025.

¹³ Assistir em https://www.youtube.com/watch?v=qhPSRJpm_uk Acesso em: 20 ago.2020.

¹⁴ Assistir em <https://www.youtube.com/watch?v=ZzFCiGfRxc0> Acesso em: 18 fev. 2025.

uma das expressões do racismo. Achille Mbembe (2020), com suas indagações, convida-nos a refletir sobre este olhar:

As imagens de corpos, de corpos negros, convidam na verdade a um vaivém de sentimentos. A quem os observa, eles convidam ora ao jogo de sedução, ora a uma ambiguidade fundamental, quando não à repulsão. A pessoa que vemos é a mesma exatamente e de todos os ângulos? Olhamos para ela, mas será que realmente a vemos? Qual o significado dessa pele negra com sua superfície untuosa e reluzente? Esse corpo, colocado sob o olhar dos outros, observado por todos os lados, e que se colocou a si mesmo nos corpos dos outros, em que momento ele passa do eu ao status de objeto? No que é que esse objeto sinaliza um prazer proibido? (MBEMBE, 2020, p. 190).

A idealização do “negão” bom de cama, selvagem, viril e, sobretudo, objetificado são alguns dos estereótipos que acompanham o ideal da masculinidade do homem negro em detrimento do branco, inclusive como balizador de relações homoafetivas interracialis. Megg Rayara Gomes de Oliveira (2018) faz coro de que esta construção de imaginário, ao longo do tempo, encontra raízes no regime escravocrata, e nos faz pensar que “o racismo não só reforçou a imagem do negro potente sexualmente, mas limitou o controle sobre suas vontades, estando estas submissas aos interesses do parceiro branco” (p. 130).

O historiador Daniel dos Santos (2013), por sua vez, é cirúrgico quando relata sobre a construção do imaginário desejante pela norma instaurada do corpo masculino, branco e viril, cultuado e hegemônico dentro da comunidade gay. Esta primazia do corpo branco europeu, que afeta as subjetividades de homens negros e os fazem acreditar na sua inferioridade e na sua desumanização, é reflexo de uma colonização que não apenas explorou à exaustão corpos negros, mas também aniquilou suas subjetividades. O autor complementa o pensamento de Frantz Fanon (2008) ao compreender a indústria cultural como fator essencial na constituição da hegemonia da estética branca eurodescendente e, por conseguinte, relegando ao negro o símbolo de feiura e de exotismo. Para ele, quando o fenômeno da glamourização de pretos pós-modernos se dá, via apropriação cultural através de veículos de comunicação, é uma forma de evidenciar “sua beleza não no sentido de emancipá-la, mas no sentido de exploração simbólica daquilo que sempre foi considerado através dos tempos como exótico, por ser diferente do padrão estabelecido pela tradição herdada do colonialismo europeu” (SANTOS, 2013, p. 91).

Já a teórica bell hooks (2019), ao escrever sobre raça, representação e masculinidades negras, relembra como a figura de seu pai era a própria realização do ideal masculino patriarcal, em detrimento de outros homens negros que não eram obcecados em ser patriarcas

e/ou provedores viris de suas respectivas famílias. “Eram homens negros que escolheram estilos de vida alternativos, que questionavam o *status quo*, que se esquivavam do modelo da identidade patriarcal e inventaram a si mesmos” (p. 173). Desafiavam o que a sociedade impunha como regra do que é ser homem e negro, justamente por serem mais emotivos e, nas palavras de hooks, “carinhosos e generosos”.

A autora também critica a produção acadêmica sobre a família negra por construir, ao longo do tempo, uma representação “rasa” sobre as complexidades dos negros no âmbito social. Para ela, o entendimento da masculinidade negra que se expressa nessas obras “constrói os homens perpetuamente como ‘fracassados’, que são ‘fodidos’ psicologicamente, perigosos, violentos, maníacos sexuais cuja insanidade é influenciada pela incapacidade de realizar seu destino masculino falocêntrico em um contexto racista” (hooks, 2019, p. 174).

Em diálogo com hooks, recorreremos à Megg Rayara Gomes de Oliveira (2018) que amplia esta visão e afirma que “essa masculinidade se utiliza da branquidade e da cis heterossexualidade para garantir uma supremacia incontestada de raça e de gênero que opera no sentido de silenciar as masculinidades ditas periféricas e assegura a manutenção de uma estrutura patriarcal que reproduz visões do regime escravista” (p. 129-130).

Contudo, o empoderamento e a autoafirmação são características promovidas pelos *youtubers* destacados neste trabalho. Jota Santos, por exemplo, com seu vídeo “Tipos de Dreads”¹⁵, com mais de 33 mil visualizações, estimula a autoestima de seus espectadores ao dar dicas da melhor maneira de manuseio dos cabelos crespos. Por um outro prisma, tais pautas também foram trabalhadas por Valter Rege, que no vídeo “Seus sonhos te movem?”¹⁶, provoca os inscritos do canal a refletirem sobre suas situações de vida. Com cerca de seis mil *views*, a postagem abarca temas como superação, motivação e ressignificação de sua própria história.

Já Marco Antonio Fera e Sam Santos, com seus respectivos vídeos “Bicha Preta Afeminada”¹⁷ e “Heteronormatividade”¹⁸, com mais de oito mil visualizações cada um, debatem questões como medo de andar na rua, achincalhe, zombaria, agressões, feminilidade, norma, sofrimento, homofobia, racismo e processo de autoaceitação. Temas que aparecem nas duas postagens, com abordagens diferentes, mas com uma comunhão de reflexões.

¹⁵ Assistir em <https://www.youtube.com/watch?v=iOU6DgbhaAA> Acesso em: 18 fev. 2025.

¹⁶ Assistir em <https://www.youtube.com/watch?v=OCJdnMjNDKQ> Acesso em: 18 fev. 2025.

¹⁷ Assistir em <https://www.youtube.com/watch?v=Jj32Iwn8wgo> Acesso em: 18 fev. 2025.

¹⁸ Assistir em https://www.youtube.com/watch?v=A_8fDpos944 Acesso em: 18 fev. 2025.

De forma mais pragmática, como objeto efetivo de discussão e propósito do vídeo, temos as postagens de Biel Braga e Jean Fontes, que debatem a representação e a representatividade de bichas pretas na mídia. No vídeo “Me Solta – Crítica a Nego do Borel”¹⁹, com cerca de oito mil visualizações, Fontes questiona o reforço de estereótipos que a circulação do clipe do funkeiro gera para a comunidade negra e gay, perpetuando estigmas e praticando racismo recreativo (MOREIRA, 2019). Já Biel, a partir do humor, se dirige às marcas e reivindica mais visibilidade para bichas pretas. Seu vídeo “Descobriram que preto é gente”²⁰, que colecionou mais de 23 mil *views*, fala sobre poder de influência, propaganda e mercado publicitário.

Como expressão do racismo interseccionalizado com a lgbtifobia, temos a chacota imediatamente identificada em umas das primeiras cenas de “Bicha Preta”²¹, de Thiago Rocha (2017), um documentário biográfico que possui mais de 80 mil visualizações no YouTube. Enquanto se ouve uma voz fazendo perguntas à Lara Dominique, percebemos que ela performa uma cena que leva o espectador a vê-la como um ser risível: “Cada faxina é um *flash*. Tu não pode perder a Tupi FM. (...) Venho aqui tomar uma cerveja, ver uns bofinhos. Sou chique de doer. É bicha!”. Uma cena que nos leva a refletir sobre um passado não muito distante do audiovisual brasileiro que se valeu da zombaria como estratégia de ganho de audiência e, por conseguinte, de lucro.

Muniz Sodré e Raquel Paiva (2002), ao analisarem programas popularescos de TV aberta, evidenciaram a difusão do “grotesco chocante: o desdentado, o disforme, o humilhado, o ofendido e outros foram os tipos representativos do povo nos programas campeões de audiências” (p. 128). É oportuno o diálogo de suas perspectivas de outrora com o conceito de racismo recreativo, de Adilson Moreira (2019), um sistema de dominação social que reproduz privilégios e sedimenta a respeitabilidade exclusiva de pessoas brancas. Personagens como “Tião Macalé”, “Mussum” dos “Trapalhões” (Rede Globo de Televisão) e “Vera Verão” da “Praça É Nossa” (SBT) serviram como exemplos analíticos de Moreira sobre o escárnio de pessoas negras como mais uma expressão do racismo na sociedade brasileira. Sobre isso, escreve:

O humor racista não pretende apenas fornecer gratificação psicológica para pessoas brancas, ele também almeja garantir a preservação de uma estrutura social baseada

¹⁹ Assistir em <https://www.youtube.com/watch?v=hwcmyeqDSIg> Acesso em: 20 ago.2020.

²⁰ Assistir em <https://www.youtube.com/watch?v=xfFT6yjUuaU> Acesso em: 18 fev. 2025.

²¹ Assistir em: <https://www.youtube.com/watch?v=D6RTSy2aS-4> Acesso em: 18 fev. 2025.

no privilégio racial, o que requer a constante circulação de estigmas sobre negros. Estigmas raciais não ocorrem apenas porque brancos querem desprezar minorias raciais: esse é um requisito essencial para a manutenção das várias formas de privilégio associados ao pertencimento ao grupo racial dominante. A degradação moral de grupos subordinados acarreta a perda de oportunidades materiais, oportunidades que são direcionadas às pessoas brancas. Assim, o humor racista cumpre um papel central na manutenção da estratificação social, uma vez que opera como meio de sua legitimação. (MOREIRA, 2019, p. 58).

Ou seja, este humor “engraçado” e hostil é uma estratégia cotidiana que parte da população branca utiliza para expressar seu ódio e desprezo por pessoas negras e assim assegurar sua condição privilegiada de respeitabilidade. Também o podemos compreender sob a ótica do “nanorracismo divertido”, de que nos fala Achille Mbembe:

Ficamos ofendidos que um policiamento de outra ordem nos prive do direito de rir, do direito a um humor que nunca é dirigido contra si mesmo (autodepreciação) ou contra os poderosos (a sátira propriamente dita), mas sempre contra os que são mais fracos que nós – o direito de rir às custas daquele que se busca estigmatizar. O nanorracismo divertido e desenfreado, completamente idiota, que tem prazer em chafurdar na ignorância e reivindica o direito à estupidez e à violência nela fundada – é esse, pois, o espírito dos nossos tempos (MBEMBE, 2020, p. 105).

No entanto, nossos tempos, referenciados por Mbembe, também disponibilizam recursos midiáticos para a construção de um poder narrativo que mitigue opressões seculares. Canais do YouTube e documentários biográficos de bichas pretas, especialmente aqueles disponibilizados em plataformas de *streaming* gratuitas, podem ser entendidos como “levantes” digitais de contradiscursos em prol de um regime de visibilidade menos excludente e tático no que se refere à circulação de subjetividades apagadas pelo sistema branco cisheteronormativo patriarcal.

Judith Butler (2017) defende que os “levantes” são oriundos da ação coletiva, quando um grupo não tolera mais ser subjugado e encontra, a partir da troca entre seus pares, subsídios para se erguer e resistir ao aniquilamento. Para ela, “seres humanos fazem levantos em grande número quando se indignam ou estão fartos de se sujeitar, ou seja, o levante é uma consequência de uma sensação de que o limite foi ultrapassado” (p. 23). E as questões levantadas pelas narrativas midiáticas aqui descritas nos fazem crer que a supremacia branca cisheterossexista patriarcal se esmera em salvaguardar um *status quo* que já não faz mais sentido e não será tolerado pelas pessoas oprimidas.

Assim, mesmo que haja diversidade nas linguagens e nos modos de produzir tais conteúdos, as bichas pretas da contemporaneidade dão passos significativos no fortalecimento de uma rede virtualizada, cuja característica central é a produção de

subjetividades e vínculos a partir de testemunhos de sujeição. Esse reestabelecimento da saúde mental, e até mesmo corpórea das bichas pretas pode ser compreendido sob à luz dos escritos de bell hooks (2010) e Djamila Ribeiro (2017, 2019). Ainda que elas estejam se referindo à saúde de mulheres negras, por analogia, podemos aferir que o autoconhecimento e o autocuidado, sugeridos pelas autoras, são processos afetivos que auxiliam na cura das feridas perpetradas por uma sociedade machista, racista, lgbtifóbica e patriarcal. Ao também compreendermos os canais do YouTube de bichas pretas como meios de tais processos, podemos enxergá-los, por conseguinte, como possíveis espaços de cura diante das reiteradas tentativas de aniquilamento das subjetividades negras e gays.

3. Mídia e aquilombamento: vocalização, cura e resistência

Enquanto a criação de espaços mais diversos e inclusivos não se dá por aqueles acostumados a ocuparem posições de poder — ou pelo menos não no tempo urgente que se faz necessário, bichas pretas da contemporaneidade parecem aquilombar-se a partir da (e na) ambiência midiática. Questionamos se elas enxergavam o YouTube como um espaço de cura, já que a similaridade dos discursos proferidos orbitava em catarses provenientes de traumas e discriminações. Nosso objetivo foi, a partir da fala dos próprios *influencers*, compreender se a expurgação de suas emoções na plataforma de *streaming* auxilia no restabelecimento de suas saúdes mentais, através de um território seguro para a partilha de suas dores, a troca entre seus pares, o autocuidado e o fortalecimento de autoestima.

O proprietário do canal “Pretinho Mais Que Básico” vê ambiguidade na questão, já que acredita na dicotomia vantagem/desvantagem das redes sociais digitais. Para Marco Antônio Fera (2022, s.p.), o “YouTube pode ser um lugar de cura, acolhimento, a partir do momento de quem busca informação, reconhecimento, identificação e compartilhamento de histórias”. Mas também pode ser visto negativamente se o observarmos como um difusor de conteúdos estereotipados a serviço de discursos hegemônicos, pois crê que “o YouTube enquanto uma plataforma de mídia também cria imagens, estereótipos, padrões, a partir de uma perspectiva de quem cria. Nem sempre o YouTube é este lugar bacana, ele atinge e interfere diretamente nossos afetos e experiências”.

Murilo Araújo segue o raciocínio de seu colega, apesar de enfatizar os benefícios do trabalho realizado no *streaming*. Lançando mão de sua própria experiência, o *youtuber* reconhece o impacto positivo da partilha de suas vivências para seus espectadores, que ao

navegarem pelos vídeos de bichas pretas no YouTube podem ter acesso a uma pluralidade de temas que atravessam suas vidas e, assim, criarem sentimento de pertença e autoconhecimento para seguirem fortalecidos diante da realidade distópica em que estão imersos.

Esse trabalho que a gente faz é muito importante para muitas pessoas. E tá num lugar de cura mesmo, a importância que isso tem pra muitas pessoas. Porque é um lugar onde a gente compartilha as nossas feridas. **Falar sobre as nossas feridas é tão importante para esse processo de cura da gente...** Quando as outras pessoas se identificam, se conectam, isso também remexe coisas que eu acho que são importantes. [...] **Se eu, quando tinha 16 anos, tivesse acesso ao conteúdo que muitas dessas bichas pretas jovens e adolescentes têm hoje, minha jornada teria sido outra**, sem nenhuma dúvida [...] E eu sou muito feliz e orgulhoso de ter podido atravessar a vida de um tanto de gente com as vivências que eu resolvi compartilhar aqui, botando minhas ideias no mundo, sabe? E é isso, pra mim é um espaço de cura nesse sentido [Murilo Araújo, 2022, em entrevista concedida a Diego Cotta] [grifos nossos].

Esta fala desencadeia outra possibilidade de se refletir a ambiência midiática e os usos do *streaming* para além das ferramentas de vocalização de opressões. Ora, se o “quilombismo tem se revelado fator capaz de mobilizar disciplinadamente as massas negras por causa do profundo apelo psicossocial cujas raízes estão entranhadas na história, na cultura e na vivência dos afro-brasileiros” (NASCIMENTO, 1980, p. 256), por que não compreender os espaços de cura aqui relatados como “quilombos midiáticos interseccionais”? Se a midiática da cultura e da sociedade (HJARVARD, 2014; SODRÉ, 2002) é uma realidade neste início do século XXI e o racismo e a lgbtifobia que estruturam o Brasil perduram e seguem asfixiando e soterrando corpos-negros-bicha, nada mais plausível que espaços atuais de resistência, ainda que virtuais, possam ser encarados como quilombos, salvaguardadas as devidas diferenciações e especificidades relacionadas ao ordenamento social, econômico e geográfico dos séculos passados. Tal sugestão conceitual respalda-se em outro trecho da mesma obra de Abdias Nascimento (1980, p. 256) em que o autor argumenta que “o quilombismo está em constante reatualização, atendendo exigências do tempo histórico e situações do meio geográfico”.

Ainda sobre o tema, lembramos que Beatriz Nascimento (1985), em seus escritos sobre a historicidade e as mudanças do conceito de quilombo, explica o caráter ideológico e cultural que a nomenclatura passou a abarcar em face das visões estereotipadas do final do século XIX. Usando como exemplo a disputa por posituação da imagem e reivindicação da

figura heroica de Zumbi dos Palmares em detrimento da Princesa Isabel, por ocasião da celebração do Dia da Consciência Negra (20 de novembro), a historiadora afirmou que o

quilombo passou a ser sinônimo de povo negro, sinônimo de comportamento do negro e esperança para uma melhor sociedade. Passou a ser sede interior e exterior de todas as formas de resistência cultural. Tudo, de atitude à associação, seria quilombo, desde que buscasse maior valorização da herança negra (NASCIMENTO, 1985, p. 47).

Sendo assim, podemos enxergar os canais do YouTube de bichas pretas como plataformas férteis para o desenvolvimento de um “quilombismo midiático interseccional”, focado na fuga à opressão advinda do entrecruzamento do racismo e da lgbtifobia, justamente por propiciarem espaços de cura, cujo resgate da autoestima de jovens negros gays afeminados se processa diuturnamente. Os tribalismos digitais afrocentrados de que falamos anteriormente, ao analisar um dos vídeos de Spartakus Santiago, ganham contornos quilombistas por se apresentarem como espaços de resistência, onde a potência de um ideal comunitário e o sentimento de pertença, de grupo são características basilares, construídas a partir de comunhões emocionais, justamente por representarem vínculos afetivos de bichas pretas caracterizados por relações baseadas em sentimentos compartilhados. Ou seja, tais comunhões costuram a ideia de identidade coletiva e pertencimento, na qual as bichas pretas se sentem parte de algo maior do que elas próprias, pois desenvolvem elos afetivos a partir da importância do vivido, do cotidiano e da experiência.

Lamentavelmente, em 1995, Beatriz Nascimento foi vítima de feminicídio. Foi assassinada a tiros pelo namorado de uma amiga, a quem aconselhou terminar o relacionamento por sucessivas violências domésticas. A historiadora cursava mestrado em Comunicação e Cultura na UFRJ e, certamente, contribuiria bastante para as teorias de Comunicação e Informação. Ela sequer chegou a vivenciar a intensa mediação do cotidiano à qual estamos imersos no Brasil de hoje. Sendo assim, as reservas que temos na instrumentalização de seu conceito de “quilombo” devem ser consideradas, especialmente pelo seu entendimento limitar-se a espaços geográficos, como favelas, escolas de samba e terreiros de religiões de matriz africana. Contudo, ainda que não possamos afirmar categoricamente que a ambiência midiática desses novos tempos pode funcionar como o “quilombo” que Beatriz Nascimento imaginou, especialmente com traços interseccionais como sugerimos, a compreendemos como uma linha de fuga ao aniquilamento e também como um outro espaço, onde as possibilidades de vida e de sonhos de bichas pretas podem

ser difundidas como resistência à uma realidade opressora, calcada no racismo interseccionalizado com a lgbtifobia. Deixamos aqui um rastro de pesquisa que a ida ao campo nos proporcionou, haja vista que a relevância midiática nas relações sociais e culturais ganharam outros contornos neste século XXI, evidenciando que a vida e a construção de sua realidade se dão na e a partir das plataformas de mídia, ainda que estas estejam capturadas pela lógica neoliberal e o sistema informativo dos algoritmos.

Não podemos romantizar a característica “revolucionária” de canais do YouTube e tampouco esquecermos que eles são produtos de empresas capitalistas, que, por sua vez, os utiliza como plataformas de venda ao se apropriarem da comunicação nichada, mas que, ainda assim, seguem uma lógica de “preferência” que privilegia o padrão branco. Ainda que não seja foco desta diligência científica, as questões do empreendedorismo e da lucratividade foram temas de nossas entrevistas às interlocutoras da tese, sendo importante trazê-las para a discussão neste momento. Buscamos compreender de que maneira os *youtubers* lidavam com os atravessamentos e as limitações que porventura a lógica comercial dessa ambiência midiática poderia causar. Marco Antônio Fera, por exemplo, que já demonstrou insatisfação em relação ao mercado por conta da indiferença das marcas aos conteúdos que produz, afirma:

Meus vídeos de certa forma chegam a algumas pessoas, tenho algumas respostas positiva, e troco alguns afetos e relações com pessoas. Pensando de forma comercial, meu canal não gera conteúdo. Lidar com isso interfere diretamente em meus sonhos, desejos e perspectivas, tanto que me faz não ter mais vontade de produzir para o YouTube e disponibilizar energia para outros projetos de vida, que sejam mais certos [Marco Antônio Fera, 2022, em entrevista concedida a Diego Cotta].

Diferentemente de Marco, o dono do canal “Muro Pequeno” já possui uma relação mais robusta com o mercado e desenvolveu formas profissionais de lidar com ele, inclusive descartando quaisquer crises éticas que porventura pudessem rondar esse fazer comunicacional. O posicionamento de Murilo Araújo é cristalino no que diz respeito à condução de sua profissão como produtor de conteúdo para mídias digitais, ainda que elas operem positivamente para uma mudança social e imagética, no tocante à proposição de visibilidade a sujeitos e conteúdo não comumente difundidos na mídia tradicional. Em sua resposta, não há inocência em relação ao capital, mas brechas de como monetizar suas narrativas sem perder autenticidade.

Eu não sou um militante no YouTube, eu sou um comunicador, um criador de conteúdo, essa é a minha profissão, é o que vai escrito nas notas fiscais que eu

emito, é o que tá nos serviços prestados pela minha empresa, é serviço de conteúdo, de comunicação, marketing direto, conteúdo publicitário que eu vendo. **Isso não limita as coisas que eu digo e nem limita a minha relação com a minha audiência.** [...] Às vezes a gente faz uma coisa que a gente sabe que tá “meia-boca” porque **a gente precisa da grana**, mas em relação às questões de posicionamento, se uma marca me procura pra trabalhar comigo hoje, ela sabe o posicionamento que eu tenho [...] Então acho que tem essa relação que nos dá uma certa **liberdade para produzir os conteúdos publicitários de forma autônoma**, sem trair os nossos posicionamentos. Porque o interesse de uma marca é a audiência, e a audiência continua me seguindo, em certo sentido, né? E ela me segue justamente pelo fato de eu pautar as coisas que eu pauto. E eu acho que isso é muito transformador, se a gente pensar no quanto isso já era melindroso pro universo da publicidade e como hoje a publicidade não sobrevive sem isso. Eu acho que isso é um avanço muito grande em relação ao que a gente conseguiu pautar pra sociedade. **A gente conseguiu pautar essas questões de uma forma tão irremediável, tão irreversível, que hoje as marcas se veem obrigadas a falar com a gente.** Porque se elas não falam, as pessoas não consomem, porque as pessoas têm a opção de não consumirem aquilo onde elas não se veem [Murilo Araújo, 2022, em entrevista concedida a Diego Cotta] [grifos nossos].

Dentro desse debate sobre a relação com as marcas, a partir da lógica lucrativa empresarial inerente ao YouTube, perguntamos aos influenciadores se eles viam a necessidade de aplicarem alguma tática na produção de seus vídeos que fugisse dessa engrenagem comercial. Murilo Araújo, mais uma vez, mostra-se realista e contundente na defesa de seus posicionamentos, sem deixar de usufruir da rentabilidade que a difusão de seus conteúdos pode lhe propiciar. Como um comunicador profissional, que emite notas fiscais para pagamentos de serviços prestados, o *youtuber* revela, inclusive, que assessora na melhoria de *briefing* das publicidades requeridas pelas empresas em seu canal “Muro Pequeno”.

A indústria comercial é uma merda, mas a gente trabalha com pessoas que são muito legais em boa parte das vezes... Nem sempre, às vezes não. Quando a gente fala de questão racial acho que isso é pior. Mas em questão LGBT [sic], por exemplo, **a gente encontra pessoas que estão realmente preocupadas com os debates que elas tão propondo** internamente. E que às vezes também tão comprando brigas dentro das agências, e que tão fazendo um grande trabalho de convencimento das empresas, porque **as empresas estão super temerosas de entrar nas questões**, às vezes com posturas um pouco mais contundentes... E é **uma galera preta que tá vendo esses setores e que tá trabalhando e fazendo um corre interno para poder contratar a gente, pagar a gente**, porque tem muita empresa que a princípio não tá querendo. Então é comum – não é sempre, com certeza não é sempre –, mas é comum a gente ter um diálogo bastante facilitado em relação a essas questões. Às vezes é um *briefing* que não é espinhoso, que às vezes é só pra divulgar produto, só pra falar de uma campanha... Então não costuma ser espinhoso. Mas quando a gente vai tocar nessas questões, normalmente chega um *briefing*, chega um pedido, eu produzo uma proposta de conteúdo de acordo com aquilo que foi solicitado e nessa proposta de conteúdo já incorporo os valores relevantes pra mim. Daquilo que me foi apresentado, reforço mais uma coisa ou outra, contextualizo aquilo com alguma coisa que faça sentido pro meu conteúdo, para minha narrativa, para minha audiência. [...] **E quando a gente manda proposta de conteúdo para aprovação, se a marca pede alguma parada que a**

gente acha que não vai funcionar, a gente sinaliza. E aí se a marca insistir muito, às vezes a gente faz, porque... às vezes é só uma parada que eu acho que vai ficar ruim, mas não é uma parada que é problemática. **Se a parada é problemática a gente diz que não tá confortável pra fazer e não faz, não entrega, cancela o contrato** [Murilo Araújo, 2022, em entrevista concedida a Diego Cotta] [grifos nossos].

Já Marco Antônio Fera retoma a dificuldade de ser remunerado pelos conteúdos que produz em seu canal “Pretinho Mais Que Básico”. O *youtuber* lança luz sobre o racismo que vigora na distribuição de recursos entre influenciadores, chamando atenção para a escassez de políticas que fomentem narrativas nichadas como as dele. Inclusive, Marco relembra projetos com este intuito, mas que acabam escolhendo poucos *influencers*, propiciando assim mais competição entre pares do que aglutinação e sentimento comunitário²².

Uma das intenções de **estar no YouTube também está ligada diretamente com a possibilidade de geração de emprego**, primeiramente pra mim (rs) e consequentemente a outras pessoas LGBTQIA+ e pretas. **Que se tratando de arte e construção de conhecimento, em uma lógica lucrativa empresarial, estamos sempre defasados e segregados.** Sempre discuti a necessidade de práticas e políticas que pensassem sobre isso, pois existe essa lacuna, que é muito latente, e que geralmente é a responsável pelo apagamento de projetos incríveis. Existem projetos, por exemplo o “Vozes Negras” do YouTube que incentiva projetos de *youtubers* negros financeiramente, mas é algo extremamente limitado, são para poucos, eu mesmo já tentei duas vezes e não consegui entrar, na realidade são mais projetos que incentivam disputas do que de fato um compartilhamento [Marco Antônio Fera, 2022, em entrevista concedida a Diego Cotta] [grifos nossos].

4. Considerações finais

As narrativas catárticas do cotidiano das bichas pretas no YouTube podem ser compreendidas como comunhões emocionais, que dão as tintas à uma ambiência midiática utilizada para falarem de si e vivenciarem a vulnerabilidade, o afeto, o autocuidado e o autoconhecimento de maneira rizomática e coletiva. Também as compreendemos como processos de subjetivação que propiciam espaços de cura, como os descritos por bell hooks (2010), por acreditarmos que o amor pode curar as feridas do passado. E curar é um ato de comunhão.

Aprendemos com o pesquisador Diogo Sousa (2022, p. 72) que a história da resistência gay negra é formada por “narrativas em primeira pessoa que são coletivizadas a partir do reconhecimento de outras pessoas negras LGBTQI”. E o aprendizado continua: “buscamos alternativas e disputas narrativas que viabilizem a radicalidade da vida negra”,

²² Aqui, vale ressaltar que não negamos que a lógica mercantil de plataformas de *streaming* acaba propiciando disputas, porém entendemos que antes da proliferação desta cena afro-gay-digital, os conteúdos consumidos abarcavam apenas protagonismos brancocêntricos.

assumindo que “a vida negra LGBTQI carrega importantes formas de destruição e construção para a formação do mundo que rompe com o branco-centrismo cisheteronormativo e assimila outras condições de vida”.

Aos poucos, as bichas pretas colecionam histórias que criam imagens e moldam crenças. É um caminho pela sobrevivência que inclui ver e reconhecer as outras, olharem para si mesmas, compreender-se no mundo e construir a autoestima e a autoconsciência em comunidade. Assim, desencadeiam mudanças comportamentais e empoderam outros jovens gays negros afeminados, ampliando suas alianças. Passo a passo, elas conquistam um campo indispensável para qualquer mudança social: o simbólico.

Elas fazem isso a partir do desenvolvimento acachapante das Tecnologias de Comunicação e Informação - TICs, promovendo ambiências midiáticas com linguagens capazes de catalisar formações de novos imaginários. Se outrora, observamos o desencantamento do mundo, advindo de uma tecnologia alinhada à exacerbada racionalização da vida no planeta, na contemporaneidade assistimos a um reflorescimento de um “mundo imaginal”, onde o simbólico e os imaginários ganham *status* de muita relevância, em contraponto a um utilitarismo moderno de compreensão dos fenômenos sociais. Como observado por Alan Mocellim (2015), essas práticas midiáticas “remitificam o mundo”, alinhando-o à uma visão mágico-mitológica estimulada pela tecnologia.

Isso não quer dizer que os conteúdos difundidos sejam grandes novidades e/ou encerram-se em si como verdades absolutas. O ditado proveniente do feminismo negro “nossos passos vêm de longe”, reiteradamente propagado por pessoas negras conscientes e imbuídas na perene construção de suas negritudes, ratifica-se quando nos debruçamos sobre os modos de fazer de gays negros afeminados ao longo do tempo e espaço. A sensação de não pertencimento, as experiências afetivas na escola, no movimento social, no âmbito familiar, nas ruas e esquinas, com os parceiros, enfim, todo o conjunto de mazelas e opressões que atravessa os corpos abjetos de bichas pretas já vinha, há algum tempo, sendo denunciado por elas ao longo da história, por meio da arte e da mídia disponível da época. O que temos hoje é uma amplificação e aceleração da difusão dos conteúdos insurretos por conta dos recursos disponíveis de nosso tempo, inclusive com o benefício de mudança de opinião e reatualização de posicionamentos de maneira célere, muito por conta do amadurecimento dos jovens e refazimento de seus posicionamentos públicos.

Essa proliferação de conteúdos em inúmeras janelas midiáticas, com diversas linguagens e bricolagens do fazer comunicacional robustece a naturalização da existência positiva da bicha preta. Apesar da sutileza da “normalização” nos processos de ganho de poder no campo da identidade e da alteridade, a vemos como caminho *sine qua non* a fim de que haja uma mudança na percepção desses sujeitos assujeitados e, por conseguinte, na conquista exitosa da mitigação do racismo interseccionalizado com a lgbtifobia no Brasil.

Referências

BENEVIDES, Bruna. **Dossiê: assassinatos e violências contra travestis e transexuais brasileiras em 2024**. ANTRA (Associação Nacional de Travestis e Transexuais) – Brasília, DF: Distrito Drag; ANTRA, 2025. Disponível em: <https://antrabrasil.org/wp-content/uploads/2025/01/dossie-antra-2025.pdf> Acesso em: 17 fev. 2025.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Óbitos por suicídio entre adolescentes e jovens negros 2012 a 2016**. Universidade de Brasília, Observatório de Saúde de Populações em Vulnerabilidade – Brasília: Ministério da Saúde, 2018. Disponível em: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/obitos_suicidio_adolescentes_negros_2012_2016.pdf Acesso em: 17 fev. 2025.

BUTLER, Judith. Levante. In: DIDI-HUBERMAN, Georges (org). **Levantes**. São Paulo: Edições SESC São Paulo, 2017, p. 23-36.

BUTLER, Judith. **Discurso de ódio: uma política do performativo**. São Paulo: Editora Unesp, 2021.

CARNEIRO, Sueli. **Escritos de uma vida**. São Paulo: Pólen Livros/Editora Jandaíra, 2019.

CERQUEIRA, Daniel; BUENO, Samira (coord.). **Atlas da violência 2024**. Brasília: Ipea; FBSP, 2024. Disponível em: <https://repositorio.ipea.gov.br/handle/11058/14031> Acesso em: 17 fev. 2025.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Tentativas de aniquilamento de subjetividades LGBTIs/Conselho Federal de Psicologia**. – Brasília: CFP, 2019. Disponível em: <https://site.cfp.org.br/publicacao/tentativas-de-aniquilamento-de-subjetividades-lgbtis/> Acesso em: 17 fev. 2025.

COTTA, Diego. **“ALÉM DE PRETO, VIADO”: linguagens e produções de sentidos protagonizadas por bichas pretas no cotidiano midiático**. Tese de Doutorado – Curso de

Mídia e Cotidiano da Universidade Federal Fluminense (UFF), 2023. Disponível em: <https://app.uff.br/riuff/handle/1/32993> Acesso em: 17 fev. 2025.

CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos aos gêneros. **Estudos Feministas**, ano 10, 1º semestre, p. 171-188, 2002. Disponível em: <http://educa.fcc.org.br/pdf/ref/v10n01/v10n01a11.pdf> Acesso em: 17 fev. 2025.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: EDUFBA, 2008.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 2008.

HJARVARD, Stig. **A midiatização da cultura e da sociedade**. São Leopoldo: Ed. Unisinos, 2014.

hooks, bell. Living to Love, 1993. In: **Geledés**, 2010, s/p. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/vivendo-de-amor/> Acesso em: 17 fev. 2025.

hooks, bell. **Olhares negros: raça e representação**. São Paulo: Elefante, 2019.

MAFFESOLI, Michel. **Homo eroticus: comunhões emocionais**. Rio de Janeiro: Forense, 2014.

MARTINO, Luís Mauro. **Teoria das Mídias Digitais: linguagens, ambientes e redes**. Petrópolis: Vozes, 2015.

MBEMBE, Achille. **Políticas da inimizade**. São Paulo: n-1 edições, 2020.

MOCELLIM, Alan. Comunicação e Reencantamento do Mundo: retórica ou possibilidade? **Revista Esferas**, Ano 4, no 6, janeiro a junho de 2015.

MOREIRA, Adilson. **Racismo recreativo**. São Paulo: Pólen Livros, 2019.

MUNANGA, Kabengele. **Negritude – usos e sentidos**. São Paulo: Ática, 1986.

NASCIMENTO, Abdias. **O quilombismo: documentos de uma militância pan-africanista**. Petrópolis: Vozes, 1980.

NASCIMENTO, Abdias. **O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado**. São Paulo: Perspectiva, 2016.

NASCIMENTO, Maria Beatriz. O conceito de quilombo e a resistência cultural negra. **Afrodiáspora: Revista do Mundo Negro**, n. 6-7, Ipeafro, p. 41-49, 1985.

NAVASCONI, Paulo. **Vida, Adoecimento e Suicídio: racismo na produção do conhecimento sobre Jovens Negros/as LGBTTIIs**. Belo Horizonte: Letramento, 2019.

OLIVEIRA, Megg Rayara Gomes de. Seguindo os passos “delicados” de gays afeminados, viados e bichas pretas no Brasil. In: CAETANO, Marcio; SILVA JÚNIOR, Paulo Melgaço da. (orgs). **De guri a cabra-macho: masculinidades no Brasil**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2018.

REZENDE RIBEIRO, Renata. Redes de afetos (e de afetações): narrativas catárticas no cotidiano midiático. In: SIQUEIRA, Denise da Costa Oliveira (org.). (Org.). **Corpos, imaginários e afetos nas narrativas do eu**. 1ed. Rio de Janeiro: E-papers, 2020, v.1, p. 1-316.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte: Letramento, 2017.

RIBEIRO, Djamila. **Pequeno manual antirracista**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

SAFATLE, Vladimir. **O circuito dos afetos: corpos políticos, desamparo e o fim do indivíduo**. São Paulo: Cosac & Naif, 2015.

SANTOS, Daniel. **Na cama com o super negão: erotismo e sexualidade do homem negro na Bahia do tempo presente**. 2013. Monografia de Graduação – Curso de História da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), 2013.

SODRÉ, Muniz. **Antropológica do Espelho. Uma teoria da Comunicação Linear e em Rede**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2002.

SODRÉ, Muniz. **As Estratégias Sensíveis: Afeto, Mídia e Política**. Petrópolis: Vozes, 2006.

SODRÉ, Muniz; PAIVA, Raquel. **O império do grotesco**. Rio de Janeiro: Mauad, 2002.

SOUSA, Diogo. Constrangendo pela raça: homens negros gays nas tramas do genocídio e das masculinidades. In: CAMILO, Vandellir; SILVA JUNIOR, Paulo Melgaço da. **Masculinidades negras: novos debates ganhando formas**. São Paulo: Círculo Contínuo Editorial, 2022.